

O LIVRETO “NOSSA VOGA” NA ESCOLA NAVAL: UMA INTRODUÇÃO ÀS TRADIÇÕES E AOS VALORES PARA OS JOVENS DA MARINHA

*Capitão de Mar e Guerra (RM1-IM)
Hercules Guimarães Honorato¹*

INTRODUÇÃO

“Mocidade a esplendor, alma ridente e franca, ao toque de ‘reunir’ toda a Escola se alinha. Ei-la: uniforme azul, boné com capa branca ... rapaziada de Escola é o porvir da Marinha!” (PRADO MAIA, poema “Escola Naval”).

As rápidas mudanças que estamos presenciando no século XXI, com o avanço sem precedentes das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação onde o *click* de um comando em nossos modernos *smartphones* pode nos dar acesso às relações sociais que cultivamos ou às notícias instantâneas que nos assolam sem nem questionarmos. Se continuarmos a pensar sob os aspectos das transformações sociais que vemos e de que ainda vamos participar, deparamo-nos com mudanças reais e sentidas nas gerações que estão a chegar e a crescer e as que estão por vir, sem nos lembrarmos das que já passaram.

Caminhando pelos novos e interessantes termos criados para uma possível explicação das gerações, como: veteranos ou tradicionais, “Baby Boomers”, X, Y, Z ou Alfa, em especial para o mercado de trabalho, o vocábulo “gerações” tem despertado curiosidade em função da quantidade de jovens que estão se inserindo nas empre-

sas. As organizações podem ser influenciadas e impactadas pelas constantes mudanças que ocorrem na sociedade, essa hipótese pode fazer com que elas tenham que se adaptar rapidamente a essas transformações.

Paula et al. (2011) asseveram que a organização formal, com estrutura de cargos e funções organizadas, vai sofrendo modificações e ajustes no fazer as coisas, durante os anos de sua existência, surgindo uma cultura que vai se disseminando entre os seus integrantes e incorporando gradativamente à organização, o que a torna distinta das demais. Se formos analisar as instituições permanentes e regulares como as Forças Armadas, teríamos que tratar sobre um outro aspecto, visto que, como previsto em nossa Constituição Federal, em seu art. 142, e no Estatuto dos Militares, em seu art. 2º, elas têm por base a hierarquia e a disciplina, o que poderá ou não existir nas empresas.

O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar o tradicional livreto “Nossa Voga”, que, desde a década de 1950, procura dissipar as dúvidas naturais que surgem no início da carreira dos jovens Aspirantes, quando de

sua formação inicial na Escola Naval (EN). O Capitão de Corveta Carlos Borba, comandante do Corpo de Alunos

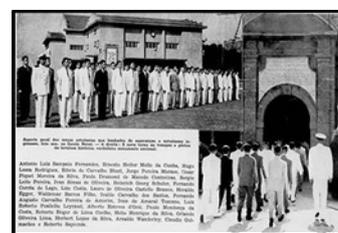


Figura 1. Chegada dos novos Aspirantes (1950)

Fonte: Acervo da DPHDM.

¹ Professor-pesquisador do Instituto Naval de Pós-graduação.
E-mail: hercules.guimaraes@marinha.mil.br.

à época, externou que o livreto significava “Assimilar rapidamente os costumes e as tradições da Escola Naval bem como suas normas e regulamentos constitui dever dos Aspirantes que tiveram a honra de nela ingressar” (ESCOLA NAVAL, 1955, p. 6, grifo nosso).

Esta pesquisa é de abrangência qualitativa e o caminhar deste estudo contou com pesquisas documental e bibliográfica como técnicas exploratórias iniciais. No caso em estudo, é a apresentação de valores e tradições que permeiam a formação do oficial da MB, foco na EN. Foi realizada como coleta de dados, após leitura do material recuperado, e uma entrevista semiestruturada com um dos dois autores do livreto “Nossa Voga”, com um roteiro inicial constando de três perguntas abertas e abrangentes. Os conteúdos apresentados em citações diretas não foram descaracterizados, foi decidido manter a ortografia do início do século XX.

A justificativa para esta pesquisa baseia-se na intenção do autor em destacar que o início de uma carreira, a das armas por jovens estudantes, tem que estar relacionada com uma formação estruturante de base, independente da geração a que pertence. Desde a sua origem, em 1782, na Academia Real de Guardas-Marinha, com uma formação acadêmica e militar, mesmo durante sua transferência para o Brasil com a Corte Portuguesa, em 1808, a EN procura apregoar as tradições e os valores, como descrito na primeira edição do livreto, de 1954, onde a breve história é concluída com a seguinte frase: “Nossa Escola é a descendente direta da de Sagres, berço do ensino náutico; são cinco séculos de trabalhos, dificuldades vencidas, e progresso constante” (ESCOLA NAVAL, 1954, p.22).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história de uma instituição centenária pode e deve servir de alerta para a continuidade de uma formação acadêmica e militar de qualidade, sem serem esquecidos os valores e as tradições passadas, que vão perpetuar nas gerações futuras de novos marinheiros. O Almirante Prado Maia, em seu poema epigrafoado neste artigo, deixa-nos a certeza de uma mocidade que possui uma alma que expressa a alegria e que se mostra viva e vigorosa, jovens que, em seu tradicional uniforme azul e boné de capa branca, são e serão sempre o futuro de uma grande Marinha.

Em março de 1915, o Almirante Henrique Aristides Guilhem, apresentou o seu livreto intitulado “Conselhos aos jovens oficiais”, que tinha como objetivo proporcionar aos jovens oficiais, que não estão mais em formação, o conhecimento de alguns detalhes da vida prática. O autor inicia o seu texto com o seguinte conselho: “Dedica-te com ardente entusiasmo á tua profissão e a ella empenha toda a tua energia e toda a tua actividade” (GUILHEM, 1915, p.7). Um conselho que perpassa qualquer época e geração nos é apresentado e deveria estar sempre em nossas mentes: “Educa-te para seres o verdadeiro *typo* do official de marinha: espirito educado, fino, energico e perseverante” (p.10).

“A marinha é a chave da nossa riqueza, prosperidade e defesa [...] Quem veste a farda da Marinha nunca está só! Tem **virtualmente** atrás de si tôda a sua classe e as glórias inacessíveis de suas tradições” (VILLAR, 1952, p.10-13, grifo nosso), com essas frases retiradas do livreto, de 1940 e que foi reeditado em 1952, “Faze assim... breviário moral e cívico”, do Contra-Almirante Frederico Villar, que dava as boas-vindas aos novos oficiais da reserva naval. A palavra “virtualmente” grifada, que atualmente teria um significado ligado à *internet*, tinha um significado de potenciar todo um coletivo que se constrói, independentemente de época, nas tradições dos nossos antepassados que forjaram a Marinha do presente.

Neste mesmo livro, é apresentado o “caráter do marinheiro”, onde podemos destacar os seus atributos principais, que se assemelham em grande medida aos 16 valores que são apresentados na Rosa das Virtudes, como: lealdade, iniciativa, espírito de sacrifício, zelo, coragem, fidelidade, fogo sagrado e decisão. Outras virtudes como sinceridade, critério, confiança em si, discrição e tato também são conceituados. Importante destacar que, independentemente dos valores descritos na publicação, o autor afirma que o oficial da Marinha não deve esquecer que: “[...] tu representas a Nação Brasileira e precisa fazê-lo com dignidade e brilho. Todos êsses atos de ‘cortezia’ são ‘oficiais’ e obrigatórios; dêles ninguém se poderá eximir” (VILLAR, 1952, p. 40, grifo do autor). Duas virtudes que foram consideradas gêmeas pelo autor são o patriotismo e o espírito de sacrifício, que devem ser constantemente desenvolvidas até se tornarem naturais.

Em pequeno texto escrito à mão e sem uma data de lançamento, “Tudo o que você queria saber sobre a Escola: mas não ‘queria’ perguntar”, e que foi distribuído aos Aspirantes, sem autoria e uma data precisa. Os seus autores apresentam as principais informações aos calouros, como a recreação e esportes, a vida social, a regata Escola Naval, os grêmios disponíveis para as poucas, porém importantes horas de lazer, o bar e o mais interessante, o salão de recreio com o jogo de sinuca e pingue-pongue, embora esta última afirmativa não se aplique aos novos aspirantes. Destaque também ao incentivo da equipe de vela, um esporte tipicamente marinheiro.

Em uma publicação mais recente, de 2010, o Almirante José Júlio de Moura Netto, antigo Comandante da Marinha, nos apresenta o livreto “Conselhos aos jovens da Marinha”, como mostrado na figura 2. O tema destacado na publicação foi o da liderança, argumentando que o oficial jamais será um líder se os nossos subordinados só nos obedecem para não serem punidos na lei. Devemos gerar confiança e sermos o exemplo daquilo que pregamos, visto que o caráter de um homem se desvela em todas as suas ações. “Nunca dêem uma ordem que não possa ser cumprida; nunca dêem uma ordem a não ser que realmente tenham a intenção de vê-la executada” (BRASIL, 2010, p. 18).

Podemos afirmar que os valores apresentados estão relacionados ao nível individual do homem, ligados também à construção desse sujeito social e militar. Os valores institucionais dizem respeito ao comportamento desejado da pessoa em relação ao seu ambiente de trabalho, como motivador de seu relacionamento com as tradições de sua organização, comunicados e transmitidos entre seus membros, sem deixar de possuir certa correspondência com os valores pessoais e geracionais. A partir desse ponto, os valores laborais e funcionais aparecem, ou seja, os militares apresentam uma estrutura geral inicial de valores, disseminadas no início de sua formação e, a partir dela, estruturas específicas são construídas para contextos específicos e significativos de sua vida, com a hierarquização de seus valores apreendidos.



Figura 2.
Conselhos aos Jovens da Marinha

Fonte: Acervo da DPHDM.

O “NOSSA VOGA” ONTEM E HOJE

O início foi em 1953, quando os Aspirantes Gothardo e Vilhena apresentaram a necessidade de distribuir uma apostila para os calouros, uma espécie de boas-vindas e um dissipador de dúvidas iniciais na EN. Nas primeiras palavras do diretor à época, Contra-Almirante Ary dos Santos Rongel, “Aspirante! Você que deseja ser um oficial brilhante e **desempenado**, leia este livreto com atenção e siga a bôa **voga** dos crentes e entusiastas” (ESCOLA NAVAL, 1955, p.4, grifo do autor). As duas palavras grifadas, “desempenado” e “voga”, destacam o que se desejava de um oficial em formação, que ele fosse de porte esbelto, airoso e que seguisse uma derrota já antes realizada em um roteiro de tradições e valores por aqueles que os antecederam.

As duas edições iniciais, a primeira de 1954 e a segunda, de 1955, com pequenos acréscimos e supressões que visaram a sua atualização, tiveram boa aceitação e a sua utilidade reconhecida para aqueles que estão a iniciar o curso da EN. Uma das alterações verificadas foi em relação ao curso regular e à distinção entre a formação do Corpo da Armada, de quatro anos, e dos demais Corpos, Intendentes e Fuzileiros Navais, de três anos.

Em ambas as edições iniciais, apenas a figura da Rosa das Virtudes é mostrada na contracapa, sem expor os conceitos envolvidos nos seus 16 valores. Porém, na primeira edição, existe uma referência a duas importantes ações que não deveriam ser usadas pelos futuros oficiais, a da “deslealdade” e a de “faltar a verdade”. É destacado que sempre se deve ser responsável por seus atos, inclusive na própria informação que será prestada em uma parte de ocorrência, pois “FALTAR COM A VERDADE é uma contravenção grave (ESCOLA NAVAL, 1955, p.103).



Figura 3.
Nossa Voga

Fonte: Biblioteca da EN.



Figura 4. Turma de 1953 – Almoço dos 100 dias

Fonte: Acervo da DPHDM.

Os livretos originais contam com diversas seções que informam aos calouros sobre o que é a instituição, sua formação acadêmica e física, até dos momentos de recreação. Assim, as seguintes seções, além do breve histórico da EN, são apresentadas em especial: a disciplina, a honra, a cola, o exemplo, o coleguismo, a família, o serviço, hinos e canções, a vida escolar, aulas, exercícios práticos, recreação, estudo, viagem de instrução, festividades, parte de ocorrência, contravenções, uso do telefone, os Grêmios, a galera e a chalana, o oficialato e o sonhado almoço dos 100 dias. Em relação à seção dedicada aos calouros, destaca-se claramente, em tom jocoso, que o calouro é um ser “assextavado” a quem pitorescamente se costuma afirmar, ‘por definição, todo calouro é burro’ e que ‘nenhum veterano foi calouro’” (ESCOLA NAVAL, 1955, p.87).

A última edição impressa, atualizada e distribuída do livreto foi a de 2007, onde pudemos constatar que logo no terceiro parágrafo da primeira seção, intitulada “aos novos aspirantes”, é destacado que: “A carreira escolhida é das mais fascinantes. Acentua o amor pela pátria e ensina o respeito e a admiração pelo mar. [...] A força de vontade e o espírito de sacrifício serão as principais armas de que irás dispor” (ESCOLA NAVAL, 2007, p.5).



Figura 5.
Nossa Voga
Fonte: O autor.

Na apresentação desse livreto em questão, é discutido que o seu surgimento se deu em 1954, mas que ocorreu um período sem ser publicado e distribuído durante a década de sessenta, sem maiores detalhes, retornando no início dos anos setenta, “[...] para não mais se ausentar na formação do Aspirante” (ESCOLA NAVAL, 2007, p.7).

As informações que constituem os capítulos não se diferem em grande medida do livreto de 1954/55, por isso mesmo, ao final da apresentação, é destacado que “Por este motivo, a leitura atenta e minuciosa da NOSSA VOGA determinará, com certeza, uma adaptação mais fácil e amena à vida na Escola Naval e às tradições marinheiras” (ESCOLA NAVAL, 2007, p.7).

Podemos apresentar que o grande diferencial da primeira e da última edição impressa e distribuída em formato de livreto foi a apresentação do que venha a ser Poder Naval e o art. 142 da nossa Carta Magna

sobre as Forças Armadas e sua missão constitucional. Outra diferença foi a apresentação, na seção “Caráter Marinheiro”, dos 16 conceitos dos valores integrantes da Rosa das Virtudes.

Atualmente, não existe mais uma edição impressa e distribuída, sendo disponibilizado um PDF para ser baixado do sítio da instituição, cuja edição é datada de 2021. Na seção “Aos Novos Aspirantes”, uma diferença na atualização das edições de 2007 e a de 2021 foi a inclusão das mulheres, que a partir de 1980 passaram a constituir a força de trabalho da MB como oficiais e praças e, em 2014, também como Aspirantes da EN. E assim: “Escolher ser Oficial de Marinha é **escolher comandar homens e mulheres**, em presença da infinidade do céu e sobre a imensidão do mar, para o bem de nossa Marinha e para a defesa de nosso País” (ESCOLA NAVAL, 2021, p. 4, grifo nosso).

Uma outra ampliação considerada nos livretos foi a inclusão da seção “As Águas Jurisdicionais Brasileiras”, onde é apresentada a Amazônia Azul. É um ponto que julgamos importante em relação ao tema deste estudo, ou seja, os valores e as gerações, em que também é destacado que algumas coisas não mudam, como o respeito mútuo a bordo e a solidariedade na carreira, tudo com uma sólida formação profissional que recebe da MB.

Nas leituras comparativas das seções das diversas edições aqui retratadas, podemos verificar que houve uma redução sentida nas informações gerais aos novos Aspirantes, como a retirada dos itens: parte de ocorrência, contravenções, citações especiais, prêmios, aulas, estudos, refeições, visitas, licenciamentos, representação, apresentação, bar, barbearia, lavanderia, e o que julgamos de suma importância, a cola. Estamos em um século da comunicação instantânea, do “dr. Google”, que se soma, em 2014, à entrada no currículo da EN do Trabalho de Conclusão de Curso, onde o problema ético na pesquisa, ou seja, a questão do plágio e da cola digital, entra em consonância com a formação acadêmica e profissional do futuro oficial.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir desse ponto, vamos descrever o livreto “Nossa Voga” inicialmente nas palavras do Almirante

Carlos Augusto Vilhena de Magalhães Cunha, nosso entrevistado, autor em parceria com o saudoso Almirante Gothardo de Miranda e Silva, à época, década de 1953, Aspirantes veteranos e encarregados da instrução militar dos calouros, que apresentaram a ideia, de imediato aceita pelo comandante da 1ª Cia do Corpo de Alunos, Capitão-Tenente Telmo Becker Reifschneider, que também galgou o generalato, de elaborar uma apostila onde pudessem “dissipar as dúvidas naturais que surgem no início da carreira” (ESCOLA NAVAL, 1954, p.5).

O Almirante Vilhena respondeu a três perguntas abertas que fizemos em nossa entrevista, sendo a primeira a motivação para a elaboração do livreto “Nossa Voga”. A resposta foi direta, deixando claro que foi o de dar as boas-vindas aos novos Aspirantes, mas com algum documento que diminuísse suas dúvidas iniciais, com a breve história da Escola Naval, desde a sua criação, transferência e independência do Brasil, e outros temas julgados interessantes, inclusive tratando do serviço, da cola, dos nossos heróis, dos hinos e canções, das aulas, da educação física.

O Almirante Vilhena fez questão de destacar que o mentor e quem organizou o livreto foi o CT Reifschneider, que com sua batuta a apostila desejada virou o reconhecido “Nossa Voga”. Outra informação importante foi a de que o Almirante Gothardo foi quem elaborou a última seção chamada de “Você sabia?”. A seção, em síntese, tem 62 informações importantes e de caráter marinho e histórico para os calouros, como por exemplo logo em seu item 1, apresenta “Que TAMANDARÉ é o Patrono da Armada Brasileira”, ou no no 43, “que após o arriar da bandeira Nacional é costume dar ‘boa-noite’ aos mais antigos que encontrar”, terminado com a frase “TUDO PELA PÁTRIA” em caixa alta e bem destacada. (ESCOLA NAVAL, 1955, p.151).

A segunda questão da entrevista foi a curiosidade que existe do aparecimento da “Rosa das Virtudes” na primeira página do livreto. A resposta foi simples, ele não sabia, mas creditou a ação do CT Reifschneider como seu organizador. O importante e que podemos retirar da figura disposta, sem seus conceitos, é que eles sejam “os nossos rumos, Escola Naval, Marinha do Brasil”.

A terceira pergunta, que foi prontamente rechaçada pelo entrevistado, foi se a “Revolta dos Anjos”, ocorrida em 1948 na EN, tinha relação com o lançamento do livreto. Ele afirmou que não tinha nada a ver, visto que o reflexo dos eventos acontecidos anteriormente não se sentia pesar na Escola quando começou sua formação em 1950. Podemos destacar, nas palavras do comandante do Corpo de Alunos, à época Capitão de Corveta Carlos Borba, que “O trabalho é grande, sendo primordial que desenvolvam confiança em si próprios, iniciativa, integridade moral e obediência leal às ordens e regulamentos” (ESCOLA NAVAL, 1955, p.7).

Continuando a análise dos livretos e nas palavras de um ex-diretor da Escola, dirigidas em 1951 aos alunos do então curso prévio: “Começais hoje uma vida nova. [...] Sentireis a honra de vestir o uniforme de uma classe que tem por missão a defesa da honra e da independência da Nação e que sempre voltou com glória do campo de batalha”. (ESCOLA NAVAL, 1955, p.38-39).

O último número impresso, de 2007, em sua parte inicial, apresenta também o boas-vindas aos novos Aspirantes, destacando “[...] que foram selecionados entre os melhores de tua geração para fazer parte de uma das mais **tradicionais** instituições do Brasil – a Escola Naval” (ESCOLA NAVAL, 2007, p.5, grifo nosso). Vale ressaltar que é a casa em que agora irão morar, com uma formação militar, acadêmica e também física. Continuando o tema, é afirmado que a carreira escolhida é de amor à Pátria e o respeito e admiração pelo mar.

O termo que é desvelado no capítulo de “Apresentação” é o conceito de “voga”, que é empregado nas atividades de remo, significando a cadência que deve ser dada por todos nas remadas. Assim apresentado e contextualizado que surge a finalidade principal do pequeno livro, ou seja: “[...] dar informações importantes que contribuam para a formação daqueles que se iniciam na carreira naval, bem como auxiliar o novo aspirante adaptar-se à vida, à cadência da Escola naval, enfim, à NOSSA VOGA” (ESCOLA NAVAL, 2007, p.7).

Nesta versão atualizada, de 2007, foi tratado do tema do Poder Naval, onde é lembrado que para o Brasil “[...] o uso do mar se constitui em uma opção

mandatória para a concretização dos anseios de desenvolvimento nacional e afirmação político-econômica no cenário mundial” (p.12). Tal tema não foi discutido na versão original, de 1954/55, sendo um acréscimo que foi julgado necessário para os futuros oficiais da Marinha. Como a nossa Constituição Federal é de 1988, foi somada também a missão constitucional das Forças Armadas, deixando claro que a “[...] hierarquia é um dos sustentáculos da Marinha” (ESCOLA NAVAL, 2007, p.13).

Atualmente, não temos mais o livreto sendo impresso e distribuído gratuitamente aos novos calouros, como já informado em seção anterior. Foi disponibilizado um arquivo em PDF, cujo título se mantém “Nossa Voga”, uma publicação destinada aos Aspirantes, edição de 2021. A parte que introduz as boas-vindas se mantém a mesma, mas foi acrescida uma seção específica sobre o tema da “Amazônia Azul”. O tema do Poder Naval é mantido, o mesmo referente à missão constitucional, em que é reforçado que a disciplina e a hierarquia são os sustentáculos da Força.

Os conceitos dos valores constantes da Rosa das Virtudes são expostos. Importante destacar que é apresentada como sua origem o ano de 1954, quando da publicação da primeira edição do “Nossa Voga”, em que verificamos anteriormente ser apresentada apenas a figura em si. Em consonância com o objeto deste estudo, a atual publicação afirma-nos que “[...] em que pese a evolução dos tempos, mantém-se inalterada, em consequência de seus conceitos exprimirem as verdadeiras qualidades dos homens e mulheres do mar, bem como tudo aquilo que a nossa Marinha espera da formação moral e profissional de seus Aspirantes” (ESCOLA NAVAL, 2021, p.22).



Figura 6.
“Nossa Voga”
em PDF
Fonte: EN
(2021).

À GUIA DE CONCLUSÃO

O livreto “Nossa Voga” foi a forma que encontraram, em meados do século passado, de dar boas-vindas aos novos estudantes que adentravam o solo sagrado de Villegagnon, os conhecidos calouros. Con-

forme nossas considerações iniciais, que navegaram pela história das publicações que foram apresentadas desde os jovens oficiais até o manuscrito para os incautos calouros, podemos constatar que a fortaleza do homem do mar está em ser um líder para os seus pares e subordinados. Como três marcações na carta determinam a certeza de um ponto, podemos assegurar que a tradição, os valores e a liderança determinam em grande medida uma formação de qualidade dos nossos jovens oficiais.

A partir da comparação nos textos de 1954, passando por 2007 e o atualmente disponibilizado para baixar, de 2021, podemos verificar que certos pontos destacados na edição original poderiam ser avaliados para retornarem, como exemplo a seção “Você sabia...”, atualizada logicamente com algumas informações importantes vivenciadas na atualidade e que devem ser de conhecimento de todos os oficiais. Não poderemos esquecer os hinos, a histórias das mulheres na MB e na Escola Naval, entre outros temas de domínio geral e contínuo, que perpassam o tempo, caminhando *pari passu* na história de uma forte Nação.

Os nossos heróis sempre continuarão a ser as nossas referências como conquistadores do reconhecimento pelo legado que deixaram de amor à Pátria, com o sacrifício da própria vida. Assim, seria interessante, em uma nova versão, a inclusão, na seção “O Nosso Passado”, do herói Jerônimo de Albuquerque Maranhão, que foi o primeiro comandante de uma força naval brasileira, considerado o herói da Batalha de Guaxendura, de 19 de novembro de 1614, que tem o seu busto, desde 2015, à frente do mastro principal da Escola Naval. Como questão de reconhecimento da Marinha, a segunda fragata Classe “Tamandaré”, a F-36, será denominada “Jerônimo de Albuquerque”.

Acreditamos que a primeira impressão é a que fica. Por isso mesmo, sentimos a necessidade de escrever sobre um livreto que há quase 70 anos dá as boas-vindas aos novos Aspirantes da Escola Naval. Acreditamos que tanto a primeira edição quanto a versão atual em PDF cumprem, em grande medida, para o que se deseja como primeiro contato. Porém, seria interessante se pensar em uma publicação impressa, em formato de livreto, que tivesse, além de

algumas informações iniciais para quem chega à Marinha, independentemente do seu centro de formação, mas que fosse uma espécie de referência a ser consultada durante toda a carreira, bem sintética e atual.

Ser tradicional não é ser antigo, velho; interiorizar os valores na formação não para na geração, eles são perenes e estruturantes, faz parte do DNA do marinho. “Nossa Voga” (1955, p.145) nos faz refletir, na seção **VOCÊ SABIA?** Item “38 – Que a atitude que um indivíduo apresenta é um espelho no qual se pode ver refletido o seu interior”.

AGRADECIMENTOS

Aos CMG Helder Velloso Costa e Ronald dos Santos Santiago, da bibliotecária Marcia Prestes Taft e SO Marcos Cavalcanti Ferreira da DPHDM, e do apoio recebido das bibliotecas da DPHDM e da Escola Naval. Todos foram importantes no levantamento bibliográfico e documental deste estudo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Marinha do Brasil. **Conselho aos jovens da Marinha**. Biblioteca da Marinha: Rio de Janeiro, 2010.
- ESCOLA NAVAL, **Nossa Voga**. Rio de Janeiro, 1954.
- ESCOLA NAVAL, **Nossa Voga**. Rio de Janeiro, 1955.
- ESCOLA NAVAL, **Nossa Voga**. Rio de Janeiro, 2007.
- ESCOLA NAVAL, **Nossa Voga**. Rio de Janeiro, 2021.
- GUILHEM, H. A. **Conselhos aos jovens oficiais**. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1915.
- PAULA, P. de. et al. Clima e cultura organizacional em um organização pública. **Gestão & Regionalidade**, v.27, n.81, p.59-73, set./dez. 2011. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/1279. Acesso em: 21 jul. 2022.
- TUDO o que você queria saber sobre a Escola: mas não “queria” perguntar. 19??.
- VILLAR, F. **Faze assim...** breviário moral e cívico. 2. ed. Rio de Janeiro: Saturno, 1952.